



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM  
PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS**

**EDVÂNIA DE SOUSA TAVARES**

**A INFÂNCIA E A NATUREZA EM JOÃO GUIMARÃES ROSA: CAMPO  
GERAL E AS MARGENS DA ALEGRIA**

**Porto Nacional, TO**

**2022**

**EDVÂNIA DE SOUSA TAVARES**

**A INFÂNCIA E A NATUREZA EM JOÃO GUIMARÃES ROSA: CAMPO  
GERAL E AS MARGENS DA ALEGRIA**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título de licenciada em Letras Português e suas Respectivas Literaturas.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Viviane Cristina Oliveira

**Porto Nacional, TO**

**2022**

## FICHA CATÁLOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S725i Sousa Tavares, Edvânia.  
A infância e a natureza em João Guimarães Rosa: Campo Geral e As margens da alegria. / Edvânia Sousa Tavares. – Porto Nacional, TO, 2022.  
29 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2022.

Orientadora : Viviane Cristina Oliveira

1. Guimarães Rosa. 2. Infância. 3. Natureza. 4. Travessia. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

EDVÂNIA DE SOUSA TAVARES

A INFÂNCIA E A NATUREZA EM JOÃO GUIMARÃES ROSA:  
CAMPO GERAL E AS MARGENS DA ALEGRIA

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Porto Nacional – Curso de Letras Português e suas Respectivas Literaturas, foi avaliado para a obtenção do título de Licenciatura e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data da aprovação: 16 de dezembro de 2022

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane Cristina Oliveira (UFT)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Glória de Castro Azevedo (UFT)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olívia Aparecedida Silva (UFT)

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me deram forças e estiveram comigo apoiando os meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Meu primeiro e maior agradecimento é aos meus amados pais, Edvan Dias de Sousa e Maria das Mercês B. Tavares, que desde a minha alfabetização me ensinaram o valor do respeito e da educação. São as pessoas que me recarregam nos meus momentos de fraqueza, e que me fazem acreditar que os meus sonhos são possíveis.

Agradeço ao meu avô materno, Edward Tavares Carneiro (*in memoriam*), homem que sempre carregarei em meu coração e nas minhas mais bonitas e puras lembranças. Não possuiu estudo escolar algum, mas me ensinou muito com o seu conhecimento de vida, que vai além de qualquer outro.

Agradeço à minha avó materna, Nilda Bertoldo S. Tavares, pois seu cuidado e carinho comigo sempre foram preciosos e me impulsionam a seguir em frente.

Agradeço ao meu namorado, Guilherme Rocha dos Santos, pela cumplicidade que temos, pela ajuda e atenção que sempre me dá, e por dizer palavras positivas que me fazem acreditar que sou capaz.

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Viviane Cristina Oliveira, que me orientou da forma mais educada, serena e doce. Me acalmou nos momentos ansiosos da escrita solitária, e por nossas longas e proveitosas tardes de boas conversas sobre o mineiro de Cordisburgo.

Agradeço à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Glória de Castro Azevedo, pessoa que nutri um afeto muito grande desde o primeiro dia que a vi. Se tornou para mim uma amiga que me incentiva a dar continuidade aos estudos. Com seu jeito doce, de palavras lindas, confortantes e esperançosas, sempre reafirma para mim que eu consigo.

Agradeço a todos os meus professores da Universidade Federal do Tocantins, pois têm um papel importante no meu trajeto. Agora há em mim um pouco dos ensinamentos de cada um, e eu os carrego com alegria e gratidão.

Agradeço a Deus, inteiramente, pela existência e oportunidades de aprender.

“Digo: O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.” (ROSA, 2019, p. 53).

## RESUMO

Este artigo tem como escopo analisar duas obras de João Guimarães Rosa: a novela “Campo Geral”, presente em *Corpo de Baile*, e o conto “As margens da alegria”, contido em *Primeiras Estórias*. Nesse segmento, possui o fito de observar como o autor expõe a natureza viva em lampejo genuíno, e como as personagens infantis descobrem o mundo e fazem uma travessia dentro de si mesmas, de modo poético e singular, uma vez que a infância é um período de vivências plenas e feéricas. Ademais, Rosa convida o leitor a ver como novas as tantas coisas que no frenesi do dia-a-dia passam despercebidas, pois só com olhos aprendizes é que se obtém a renovação pessoal.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Infância. Natureza. Travessia.

## **ABSTRACT**

This article aims to analyze two works by João Guimarães Rosa: the novel “Campo Geral”, featured in *Corpo de Baile*, and the short story “As margins of joy”, contained in *Primeiras Estórias*. In this segment, it aims to observe how the author exposes living nature in a genuine flash, and how the children's characters discover the world and make a crossing within themselves, in a poetic and unique way, since childhood is a period of full and fairy-like experiences. Furthermore, Rosa invites the reader to see the new so many things that go unnoticed in the frenzy of everyday life, because only with apprentice eyes is personal renewal achieved.

Keywords: Guimarães Rosa. Childhood. Nature. Crossing.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A INFÂNCIA- CAMPO GERAL.....</b>	<b>14</b>
<b>3 A NATUREZA- AS MARGENS DA ALEGRIA.....</b>	<b>20</b>
<b>4 GUIMARÃES ROSA E A INFÂNCIA – “UM CERTO MIGUILIM...” .....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Falar acerca da literatura e da infância é fazer aflorar a sensibilidade e a fantasia, por isso desfrutar do texto literário é vivenciar arte. A arte por intermédio das palavras, como pontuado por Nelly Coelho:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e a sua possível/impossível realização... (COELHO, 2000, p. 27).

Dessa forma, a literatura, seja destinada à infância ou não, pode ser contemplada como uma essência que permite aguçá-la a capacidade imaginativa levando a um novo horizonte, alargando o conhecimento e destarte podendo realizar um elo entre o tangível e o fantástico. Coelho (2000) evidencia que a literatura infantil é, antes de tudo, literatura, isso porque ela permite alcançar sapiência através da representação do mundo, atribuindo possibilidade de reflexão que acaba se tornando relevante para a formação de uma personalidade a ser alcançada em qualquer fase da vida.

A criança desperta um olhar sensível e simples para situações que adultos desconsideram relevantes e, por serem considerados sem importância, passam despercebidos episódios singelos da vida. Como dito por Saint-Exupéry (2020, n.p), na dedicatória da obra *O Pequeno Príncipe*, “Todas as pessoas grandes já foram um dia crianças – apesar de poucas se lembrarem disso.”. À vista disso, dá possibilidade para pensar que a vida adulta aniquila uma parte da essência infantil que habita dentro de cada indivíduo, tornando-os, quem sabe, mais insensíveis.

João Guimarães Rosa (1908-1967), consagrado escritor da literatura brasileira, em uma entrevista conduzida pelo jornalista Ascendino Leite, concedida para *O Jornal* (1946), quando indagado sobre a sua infância, diz:

Não gosto de falar da infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, comentando, perguntando, mandando, comandando, estragando os prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Já era míope, e nem eu, ninguém sabia disso. Gostava de estudar sozinho e brincar de geografia. Mas tempo bom de verdade só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto e trancar a porta. Deitar no chão e imaginar estórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas. 1

---

<sup>1</sup> LEITE, Ascendino. Arte e céu, países de primeira necessidade... *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 maio 1946.

Rosa relatando sobre sua infância denota que, quando criança, fora impedido de praticar suas felicidades, fato que se pode perceber com mais intensidade no livro que seu tio, Vicente Guimarães (2006, p. 39), dedicara ao autor de *Sagarana*: “Seu pai, de bom coração, mas rude, não compreendia um menino [...] Muitas vezes, Joãozinho foi punido pelo pai para deixar o livro e caçar serviço”. Vê-se que foi um garoto amante dos livros e em sua vida de criança já exercia a capacidade inventiva para histórias, mas como dito pelo próprio autor, as pessoas grandes estragavam os prazeres.

Em suas obras, é comum aparecer personagens infantis, mas não somente com uma visão pueril, são personagens crianças que entregam para as obras uma visão simples, mas de forma genial. Na novela “Campo Geral” (1964), tem-se Miguilim, e no conto “As margens da alegria”, presente em *Primeiras Estórias*<sup>2</sup> (1862), tem-se um Menino, assim nomeado pelo autor. Ambas personagens possuem um olhar para as descobertas do mundo, da vida, e tendo fortes ligações com a natureza.

Outro ponto marcante nas obras de Guimarães Rosa é este: a natureza. Tal elemento faz com que o leitor adentre o cenário rosiano e seja conduzido para uma viagem que passeia entre trechos cômicos e filosóficos, em maioria, ambientados no sertão. A natureza externada pelo escritor é um reflexo do fascínio que ele tinha por plantas, aves, insetos, animais etc., isso desde a época de criança, como relatado por seu tio Vicente Guimarães:

Sua atividade maior, constante, fatal, era a leitura. Depois disso a organização de seu museu de insetos e folhas secas. Interessava-se por estudar os vegetais. Conseguiu, não sei como, uma velha botânica, com mapas e esquemas de classificação das plantas. Toda folha que pegava queria saber, por suas características, a qual grupo ou classe pertencia, e quando possível, o nome da planta. Procurava nos livros e perguntava aos mais velhos, anotando. Nomes científicos e populares havia de conhecer, interessado. (GUIMARÃES, 2006, p. 65).

Esse estudo sobre plantas, ainda precoce, foi de grande valia para as obras que futuramente viriam, visto que em todas, as árvores e plantas estão colocadas de forma bem descrita, com riqueza de detalhes, bem como descreve, também, a fauna. Nesse sentido, os estudos desenvolvidos neste artigo pretendem fazer apontamentos acerca do olhar infantil para as descobertas da vida, nas personagens Miguilim (“Campo Geral”) e o Menino (“As margens da alegria”). Nesse último, observaremos mais atentamente a relação com a natureza. E, ainda, falar sobre a infância de João Guimarães Rosa e o que suas vivências influíram para as obras.

---

<sup>2</sup> Segundo Paulo Rónai, esse neologismo adotado por ficcionistas e críticos não está registrado nos dicionários, mas destina-se do significado de “história”. Embora o termo, hoje em dia, já apareça também sem conotação folclórica, referindo-se às narrativas de Guimarães Rosa envolve-se numa aura mágica, num halo de maravilhosa ingenuidade, que as torna visceralmente diferentes de qualquer outras.

Para tanto, nos valeremos de algumas referências sobre a literatura infantil, de textos que tratam da obra de Rosa, como BETTELHEIM (2002), BENJAMIN (2002) e CORSO, D e CORSO, M (2006).

Ao lidarmos com questões como a infância e a natureza na obra rosiana, ambas pensadas com o auxílio de textos dedicados a narrativas maravilhosas e contos de fadas, esperamos estimular docentes e futuros docentes a abordarem os textos de Guimarães Rosa em sala de aula, sobretudo com o olhar sensível e poético.

## 2 A INFÂNCIA- CAMPO GERAL

“É a voz de Deus que habita nas crianças, nos passarinhos e nos tontos. A infância da palavra.” (Manoel de Barros, 2010, p. 455)

O ato de produzir e contar histórias específicas para o público infantil é relativamente recente, e é uma aprazível maneira de dar às crianças estímulos à imaginação. As narrativas dedicadas às crianças, hoje conhecidas por contos de fadas, em tempos remotos eram destinadas somente aos adultos, uma vez que eram narradas pelos antigos povos camponeses da Europa. Segundo Azevedo (1999), alguns estudiosos afirmam que só se pode falar em literatura infantil a partir do século XVII, pois essa linha de raciocínio diz que antes disso as crianças não só eram vistas como adultos em miniatura, como também participavam da vida adulta, desempenhando o trabalho.

Com base na obra *Fadas no Divã*, que trata da psicanálise nos contos de fadas

A função das narrativas maravilhosas da tradição oral poderia ser apenas a de ajudar os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza. Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças, que se reuniam em volta do fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia e a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês. (CORSO, D e CORSO, M, 2006, p. 14).

Como explicam os autores, inicialmente as narrativas fantasiosas eram de cunho mais violento, e somente com o passar dos séculos foram sendo adaptadas até chegar às histórias que conhecemos atualmente, abordando as temáticas com mais delicadeza. O casal ainda comenta que “As modernas versões dos contos de fadas, que encantaram tanto nossos antepassados quanto as crianças de hoje, datam do século XIX.” (CORSO, D e CORSO, M, 2006, p. 14).

Esse universo infantil, o qual conhecemos na atualidade, é carregado de fantasias, ludicidade e encantamento. O autor João Guimarães Rosa, em sua vida, externou o quão foi valorosa a sua infância e não escondia a ternura que sentia em guardar suas boas reminiscências. Ele utiliza em suas obras personagens infantis que possuem uma capacidade simples e graciosa de mover o leitor a pensar outras perspectivas do mundo. Agregado a isso, possui em seus escritos uma faceta estética admirável, que vagueia desde a capacidade de incutir fenômenos linguísticos, como os neologismos, palíndromos, aglutinações etc., até chegar ao teor filosófico que encoraja o leitor a imergir em uma reflexão da vida.

Na novela “Campo Geral” tem-se o protagonista Miguilim, uma criança que vive com sua família em uma localidade remota do sertão, chamada Mutum. Observar Miguilim ao longo

da narrativa é como voltar à meninice lendo a partir do sentido infantil, e isso torna a obra mais singela e complacente para o leitor adulto que já passou pela fase da infância. Miguilim é um garoto simples e singular, vive a curiosidade como toda criança, cria e recria histórias em seu pequeno imaginário e não queria crescer, como bem descreve o trecho:

Dito não fazia companhia, falava que carecia de ouvir as conversas todas das pessoas grandes. **Miguilim não tinha vontade de crescer, de ser pessoa grande**, a conversa das pessoas grandes era sempre as mesmas coisas secas, com aquela necessidade de ser brutas, coisas assustadas. (ROSA, 2001, p. 32, grifos meus).

O olhar aprendiz da criança é o que torna genuína a travessia desse ciclo, e Rosa, através de Miguilim, exterioriza ao leitor desde a fase lúdica até o momento de renovação em que o protagonista começa a compreender situações da vida. O menino Miguilim é uma criança que, em meio a um cotidiano modesto e sertanejo, cria em sua ingênua fantasia estórias inexistentes que escapam da realidade.

- O que trouxe para mim do Sucurijú- a Chica perguntou. - Trouxe este santinho... era a figura de uma moça, recortada de um jornal. [...]  
 - E p'ra mim?! E p'ra mim?!  
 - reclamavam o Dito e o Tomezinho Mas Miguilim não tinha mais nada. Punha a mãozinha na algibeira: só encontrava um pedaço de barbante e as bolinhas de resina de almêcega, que unhará da casca da árvore, beira de um ribeirão.  
 - Estava tudo num embrulho, muitas coisas... caiu dentro do corgo, a água fundou... Dentro do corgo tinha um jacaré, grande... (ROSA, 2001, p. 21).

Miguilim divaga em seus pensamentos, essas quimeras representam as particularidades da linguagem infantil. Como o garoto sabia que não tinha o que os irmãos esperavam, ele fabulou o acontecimento para tornar mais atrativa a história da sua viagem. Nesse sentido, seu irmão mais novo, Tomezinho, é o único que se interessa em saber sobre o jacaré: "Mas Tomezinho, que só tinha quatro anos, menino neno, pedia que ele contasse mais do jacaré grande de dentro do córrego." (ROSA, 2001, p. 22).

Ao passo em que se vai conhecendo Miguilim, fica mais evidente que ele possui uma imaginação fértil para delinear estórias, e seus ouvintes as ouvem com atenção:

**Miguilim de repente começou a contar estórias tiradas da cabeça dele mesmo:** uma do Boi que queria ensinar um segredo ao Vaqueiro, outra do Cachorrinho que em casa nenhuma não deixavam que ele morasse, andava de vereda em vereda, pedindo perdão. **Essas estórias pegavam.** Mãe disse que Miguilim era muito ladino. (ROSA, 2001, p. 58, grifos meus).

O leitor é movido a acompanhar o desenvolvimento do raciocínio do garoto, que aos poucos vai sendo lapidado, à medida em que ele vai vivenciando os prazeres e os desprazeres da vida concreta.

O protagonista é sensível e atribui valores a objetos mínimos e a seres da natureza que na visão do adulto não possuem tanta relevância: "A noite, de si, recebia mais, formava escurão feito. Daí, dos demais, deu tudo vagalume. — 'Olha quanto mija-fogo se desajuntando no ar,

bruxolim deles parece festa!’ Inçame. Miguilim se deslumbrava. — ‘Chica vai chamar Mãe, ela ver quanta beleza...’.” (ROSA, 2001, p. 51). Além de apreciar a natureza com encanto, Miguilim também valoriza os seus brinquedos:

[...] ajuntou os brinquedos que tinha, todas as coisas guardadas — os tentos de olhode-boi e maria-preta, a pedra de cristal preto, uma carretilha de cisterna, um besouro verde com chifres, outro grande, dourado, uma folha de mica tigrada, a garrafinha vazia, o couro de cobra-pinima, a caixinha de madeira de cedro, a tesourinha quebrada, os carretéis, a caixa de papelão, os barbantes, o pedaço de chumbo... (ROSA, 2001, p. 76).

São objetos sem valor material para os adultos, mas para o menino é atribuído apego. Essa estima por destroços é comum no mundo infantil, como diz o crítico literário Walter Benjamin:

É ocioso ficar meditando febrilmente na produção de objetos – material ilustrado, brinquedos ou livros – que seriam apropriados às crianças. Desde o Iluminismo é esta uma das mais rançosas especulações do pedagogo. Em sua unilateralidade, ele não vê que a Terra está repleta dos mais puros e infalsificáveis objetos da atenção infantil. E objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. **Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos** que se originam da construção, do trabalho no jardim ou na marcenaria, da atividade do alfaiate ou onde quer que seja. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer uma relação nova e incoerente entre esses restos e materiais residuais. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. (BENJAMIN, 2002, p. 57-58, grifos meus).

Dessa forma o escritor mineiro conduz o leitor para perto de Miguilim, e com isso podese perceber os sentimentos de alegria e, também, de tristeza. Há momentos vivenciados com alegria por todos da casa, como a passagem em que o papagaio Papaco-o-Paco, todo animoso, aprendeu a chamar Miguilim: “No outro dia, foi uma alegria: a Rosa tinha ensinado Papaco-o-Paco a gritar, todas as vezes: — "Miguilim, Miguilim, me dá um beijim!..." (ROSA, 2001, p. 59). Situação simples, mas feliz.

O Dito possui um papel importante na narrativa, era o irmão que Miguilim mais amava: “Era capaz de brincar com o Dito a vida inteira, o Ditinho era a melhor pessoa, de repente, sempre sem desassossego.” (ROSA, 2001, p. 38-39). O carinho fraterno é recíproco, e apesar da pouca idade Dito utiliza a poética para ensinar Miguilim a ser otimista e sempre olhar a vida com alegria

Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!... (ROSA, 2001, p. 65).

A influência do pensamento do irmão denota que ele desejava que Miguilim continuasse tendo a singeleza infantil, se alegrasse nas pequenas situações, não perdesse o ânimo em ver o

lado bom das coisas para, quem sabe, delongar seu amadurecimento. O Dito é visto, por Miguilim, como o irmão mais inteligente, “Dito era menor mas sabia o sério, pensava ligeiro as coisas, Deus tinha dado a ele todo juízo.” (ROSA, 2001, p. 23). Com isso, via no irmão um exemplo a ser seguido.

A tristeza é um outro sentimento presente no enredo de “Campo Geral”, pois ela decorre do luto. O protagonista vivencia a tristeza profunda da perda do Dito, o irmão querido. Cena sensível, pois o leitor se compadece junto ao sofrimento do garoto, que sempre se lembra do irmão:

Não conseguia, nem mesmo queria, se recordar do Dito vivo, relembrar o tempo em que tinham vivido juntos, conversado e brincado. Queria, isso sim, se fosse um milagre possível, que o Dito voltasse, de repente, em carne e osso, que a morte dele não tivesse havido, tudo voltando como antes, para outras horas, novas, novas conversas e novos brinquedos, que não tinham podido acontecer — mas devia de ter para acontecer, hoje, depois, amanhã, sempre. — Hoje, o que era que o Dito ia dizer, se não tivesse morrido? O quê?!... Então, chorava mais. (ROSA, 2001, p. 67).

Pensando nas narrativas maravilhosas, antes de serem ressignificadas ao público infantil, um dos temas que se discutiam era acerca da morte, pois naquela época a realidade que os camponeses viviam era cruel e isso se refletia nas histórias, portanto se externava para que as pessoas aprendessem a lidar com o luto, uma vez que o índice de mortalidade era maior, já que as condições de higiene eram mínimas e a fome amedrontava. Por esse viés, Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, diz:

Quanto mais tentei entender a razão destas estórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, tanto mais percebi que estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e - **sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe** - oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes. (BETTELHEIM, 2002, p. 06, grifos meus).

Guimarães Rosa transmite isso ao leitor, visto que é comovente como o autor aborda, no trecho citado, o sentimento de Miguilim com a morte do irmão, que era a pessoa com quem ele brincava, conversava e fantasiava estórias. A comoção pela perda do Dito deixa em Miguilim a tristeza da falta, mas Seo Aristeu se apresenta como um mentor emocional para o pequeno garoto, estendendo o mesmo sentido das palavras do Dito: ““Miguilim, você carece de ficar alegre. Tristeza é agouría...”” (ROSA, 2001, p. 79), e com essas doses de coragem, aos poucos o garoto foi se recuperando da dolorosa perda.

No desfecho surge um novo personagem, o médico José Lourenço, que traz para a obra a descoberta de que Miguilim era um menino míope, momento em que o médico empresta os óculos ao garoto e proporciona a ele a novidade de enxergar claramente como realmente era o

Mutum, já que no início da narrativa ouve a sua mãe dizer que o Mutum não era um lugar bonito e ele, na sua estreita visão, não sabia distinguir o que era bonito e o que era feio, mas a partir do momento em que pode vislumbrar com nitidez o que estava a sua frente, formou a sua própria opinião:

E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; os olhos redondos e os vidros altos da manhã. Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primeira vereda. O Mutúm era bonito! Agora ele sabia. (ROSA, 2001, p. 82).

Assim como nos contos maravilhosos e, também, nos contos de fadas nos quais são recorrentes os ritos de passagem a partir de um objeto mágico, Rosa dá para Miguilim a apreciação de um novo olhar, através da metáfora dos óculos. É como um rito de passagem na vida do garoto sertanejo, que magicamente consegue enxergar com perfeição tudo à sua volta, e assim passa a ver a vida com a maturidade que foi adquirindo aos poucos, à medida em que foi vivenciando medos, tristezas e angústias, pois através da candura de seus olhos ele renasce e com o renascimento aflorou uma nova forma de olhar.

Com a fantasia é possível ver o mundo através de uma óptica encantada, dessa forma os contos de fadas trazem como o herói ou a heroína são postos em uma condição complicada, tendo que lidar com o desconhecido, porém conseguem superar os obstáculos contando com o apoio de um mediador. Com isso, Bettelheim (2002) sustenta que é próprio dos contos de fadas fazer uso de um dilema existencial de forma breve e clara, pois permite que a criança aprenda o problema em sua forma mais essencial.

Nesse sentido, levando em consideração a etimologia da palavra “fada”, que advém do latim *fatum* e significa destino, é comum que aconteçam reviravoltas na vida do(a) protagonista e o enredo leve a um final feliz. Nos contos de fadas mais populares, como “Cinderela”, inicialmente escrito pelos irmãos Grimm, porém a versão mais conhecida vem do francês Charles Perrault, ele utiliza na narrativa uma fada-madrinha como mediadora na vida de Cinderela, pois a moça era explorada a fazer sozinha todo o trabalho doméstico, sofria com a indiferença da madrasta e era proibida de sair. Diante dessas condições, a fada usa uma varinha mágica e a transforma em uma bela princesa, com um sapato de cristal, pronta para ir ao baile. Dessa forma, o príncipe se encanta pela delicada moça, se casam e vivem felizes para sempre.

Nessa condição, acerca das dificuldades vividas pelos protagonistas das histórias, Bettelheim (2002, p. 7) sustenta que a mensagem que os contos de fadas transmitem às crianças é de que as lutas em momentos complicados da vida são inevitáveis, pois são intrínsecas à existência humana, porém se agir sem se intimidar com as opressões inesperadas e injustas,

conseguirá vencer os desafios. Por conseguinte, pensando em Miguilim e sua trajetória com vivências difíceis para uma criança de oito anos, ao final da narrativa conseguiu ter esperança para o seu futuro. O garoto, assim como Cinderela, teve seu destino transformado. Miguilim, ao contemplar a paisagem usando os óculos, passou a interpretar o papel de um ser renovado, uma travessia dentro dele mesmo, advinda do processo de crescimento, o qual fará com que ele viva uma nova jornada e siga a sua vida adiante.

### 3 A NATUREZA- AS MARGENS DA ALEGRIA

“Felicidade se acha é só em horinhas de descuido...”  
(Guimarães Rosa, 2009, p. 53)

No conto “As margens da alegria” alterando a expressão “era uma vez”, comumente presente nas histórias de faz de conta, Rosa inicia com a frase “Esta é a estória”. Na estória, a natureza viva se faz presente na vida do protagonista nomeado de “Menino”. A construção do observar curioso da criança faz com que sejam tecidas passagens ora encantadoras, ora decepcionantes. São acontecimentos decorrentes de “uma viagem inventada no feliz.” (ROSA, 2008, p. 27).

As descobertas do Menino, para o mundo externo, acontecem através da observação da natureza, ao passo em que vai observando o que acontece ao seu redor, ele adentra em uma viagem inédita: “Seu lugar era o da janelinha, para o amável mundo.” (ROSA, 2008, p. 27). Pela viagem, o garoto ia ao encontro do desconhecido, cheio de êxtase para ver e explorar o que para ele era novo, sua inocência fazia o encantamento.

Chegando ao destino, local onde se construía a cidade, foi ainda maior seu olhar apurado, “respirava muito. Ele queria ver ainda mais vívido as novas tantas coisas o que para seus olhos se pronunciava.” (ROSA, 2008, p. 28). O maravilhamento veio ao avistar um peru imperial, belíssimo aos seus simplórios olhos. Era tudo muito especial, o que fazia ele sorrir com todo o coração.

A fauna e a flora são bem colocadas na obra, uma vez que Rosa era um grande contemplador da natureza, tendo feito uma viagem em comitiva pelo sertão mineiro, no ano de 1952, acompanhando uma boiada, de modo a escrever em cadernetas o que da paisagem mais chamava a sua atenção, como comenta Mônica Meyer:

Guimarães Rosa se interessa e se preocupa em nomear com exatidão tudo que lhe é significativo. A preferência do escritor por flores e aves, particularmente os passarinhos, se manifesta claramente desde o princípio da viagem. As flores lhe chamavam atenção pela cor e pelo cheiro. Os passarinhos pela cor e pelo som. (MEYER, 1998, p. 58).

Isso é refletido no conto, pois o olhar detalhista e atento do protagonista está sempre presente para a paisagem que ele via ao andar pelo chapadão onde a grande cidade se erguia.

O menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malvado-campo, os lentiscos. O velame branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos papagaios. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: O rabo branco. As flores em pompa arroxeadas de canela-de-ema. (ROSA, 2008, p. 28).

Ele se admirava com o que via, porém sua admiração não foi permanente, pois se desapontou quando viu que o peru, pelo qual se encantou, havia sido morto para uma comemoração, o que fez com que ele sentisse que “recebia em si um miligrama de morte” (ROSA, 2008, p. 29). Se entristeceu quando viu que para desenvolver a cidade naquele local, precisava derrubar as enormes árvores que ali existiam. Esses acontecimentos chegaram de súbito na vida do garoto, “nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda na fase hieroglífica.” (ROSA, 2008, p. 30).

O Menino observa aquele lugar, os homens trabalhando, observa a floresta virgem sendo derrubada e começa a perceber como são as adversidades do mundo maquinal. Nesse sentido, Silviano Santiago comenta em “Uma revoada de vagalumes” acerca do olhar do menino e da construção da cidade:

Um menino voa do Rio de Janeiro a Brasília para visitar os tios. A arrojada futura capital do Brasil está sendo construída em plena mata do Planalto central. Aboletado no carro que o distancia do terminal aéreo, **o menino se assusta e se encanta com o cenário disparatado que se lhe oferece. Máquinas possantes derrubam árvores. Dizimam a vida animal selvagem. Fazem a terraplanagem do terreno.** Outras, igualmente poderosas, mas construtoras, ajudam os anônimos candangos a erguerem os belos edifícios de concreto e vidro e a pavimentarem as ruas e as avenidas. (SANTIAGO, 2017, p. 58, grifos meus).

Considerando Brasília como sendo a cidade símbolo do progresso no Brasil, Rosa, em uma correspondência destinada aos seus pais, em junho de 1958, comenta sobre sua ida à nova capital:

No começo de junho estive em Brasília, pela segunda vez. E os trabalhos de construção se adiantam, num ritmo e entusiasmo inacreditáveis: parece coisas de russos ou de norte-americanos. Desta vez não vi mais tantos bichos e aves, como da outra, em janeiro do ano passado - quando as perdizes saíam assustadas, quase de debaixo dos pés da gente, e iam retas no ar, em vôo baixo, como bolas peludas, bulhentas, frementes, e viam-se os jacús fugindo no meio do mato, com estardalhaço; e também veados, seriemas, e tudo. (ROSA, 1999, p. 221-222).

Percebe-se, mais uma vez, a atenção do escritor mineiro para a natureza, nesse caso se atentou às mudanças que conseqüentemente alteraram a paisagem devido a grande construção. Pelo seu relato vê-se que o trabalho era frenético, assim como exterioriza ao leitor em “As margens da alegria”. À vista disso, depois do Menino presenciar várias cenas e continuar vivendo o sentimento da perda do peru, que sorrateiramente “Fica escondida na memória a lembrancinha da bela ave, enquanto lhe é mostrada pelos tios, em detalhes, a mata que se derruba e a cidade que se levanta.” (SANTIAGO, 2017, p. 58), ele ainda não era capaz de compreender tudo completamente, mas percebia o quão efêmera era a alegria.

João Guimarães Rosa ambienta o leitor a adentrar junto com a criança em um voo de transição, ou melhor: “Travessia”, usando as palavras do próprio Rosa, em *Grande Sertão*:

*Veredas* (1956). “Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos.” (ROSA, 2008, p. 27), chegando ao destino, já era dia “o menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios.” (ROSA, 2008, p. 27). Por esse ângulo é como se ele buscasse a luz, e as imagens que fosse vivenciar iriam, aos poucos, clarificar seu pensamento hieroglífico.

O menino presencia a morte do peru e a degradação da floresta, que também é uma morte, tendo em vista que as espécies tanto animal quanto vegetal estão, gradualmente, desaparecendo, como diz: “as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira.” (ROSA, 2008, p. 30). Com esses acontecimentos, ele vai deixando de ter uma visão idílica e descobrindo que a beleza não é eterna, que ela nasce e morre. Dessa forma, Santiago discorre:

Rosa inventa um verbo para descrever a situação desesperante do dia que anoitece em Brasília. “Trevava”, diz o conto. São as trevas do mundo selvagem em destruição e do mundo moderno em construção – do peru degolado e comido e do segundo peru, a quem faltava “a beleza esticada do primeiro” – que arrebatam a mente do menino na experiência da beleza e da morte. (SANTIAGO, 2017, p. 58).

Na tristeza e angústia do Menino, em ter presenciado as muitas cenas até então inabituais para a sua vida, Rosa, nas linhas finais do conto, apresenta um vagalume que sai da mata escura e se mostra em luminosidade no seu verde acender e apagar, “[...] tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a alegria.” (ROSA, 2008, p. 31). O autor dá uma nova alegria ao garoto, que naquele segundo se irradia em contentamento “Sim, o vagalume, sim, era lindo!” (ROSA, 2008, p. 31).

Com os acontecimentos experienciados pelo Menino, ele passa por uma travessia, é novamente uma renovação com base nas vivências, o rito de passagem de uma criança indo ao inexplorado, testemunhando acontecimentos que eram insabidos, amadurecendo e assim formando a sua visão de mundo. Com a alegoria do vagalume, entende-se como o ir e reaparecer da alegria. A luz verde, quando se acende, é como a esperança de nutrir a felicidade nos intervalos dos pequenos momentos da vida.

#### 4 GUIMARÃES ROSA E A INFÂNCIA – “UM CERTO MIGUILIM...”

João Guimarães Rosa, o menino Joãozito, assim carinhosamente alcunhado por seus familiares, viveu parte da primeira infância em sua cidade natal: Cordisburgo, interior de Minas Gerais, local o qual sempre se referiu com respeito e amabilidade. Em seu discurso de posse, na Academia Brasileira de Letras, solenemente fala da cidade:

Cordisburgo era pequenina terra sertaneja, trás montanhas, no meio de Minas Gerais. Só quase lugar, mas tão de repente bonito: lá se desencerra a Gruta do Maquiné, Milmaravilha, a das Fadas; e o próprio campo, com vasqueiros cochos de sal ao gado bravo, entre gentis morros ou sob o demais de estrelas. (ROSA, 1999, p. 481).

Com estima ele saúda o local em que viveu e foi palco para fantasiar muitas estórias quando criança. Seu tio, Vicente Guimarães, afirma que Rosa foi um menino diferente: “Menino diferente foi: sossegado, caladão, calmo, observador, singelo. Lia muito, estudava... brincar, raramente, depois que descobriu a leitura. Separá-lo de um livro era difícil até para as refeições.” (GUIMARÃES, 2006, p. 27-28). Com o relato do tio, identifica-se que desde a infância já despontava no futuro escritor o desejo pelo conhecimento.

Rosa, em entrevista, quando indagado sobre as reminiscências de sua infância, diz: “Milhões. E ótimas! - diz ele quase com veemência. Armar alçapões para apanhar sanhaços - tão formosos, tão azulados, macios e inúteis como pássaros de gaiola - e depois tornar a soltá-los: uma maravilha.”<sup>3</sup>

A relação de Guimarães Rosa com a natureza o acompanhou desde criança, e esse olhar primoroso está refletido nas linhas das suas obras. Há um pouco do Joãozito no sensível Miguilim, em “Campo Geral”, assim como, também, há um pouco do Joãozito no curioso Menino, em “As margens da alegria”. É de forma graciosa que Rosa inclui suas vivências em passagens bem descritas, como a descoberta da miopia de Miguilim, tendo em vista que o autor também foi diagnosticado com miopia ainda criança, assim como Vicente Guimarães expõe: “Dobroso, agachava os olhos bem perto da página. Míope era. Nem ele, ninguém disso sabia. Foi o dr. José Lourenço, dr. Juca, do Curvelo, quem, em amizade, descobriu casual a deficiência.” (GUIMARÃES, 2006, p. 29). Essa cena é referida na novela:

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante. O senhor bebia café com eles. Era o doutor José Lourenço, do Curvelo. Tudo podia. Coração de Miguilim

<sup>3</sup> LEITE, Ascendino. Arte e céu, países de primeira necessidade... O Jornal, Rio de Janeiro, 26 maio 1946.

batia descompasso, ele careceu de ir lá dentro, contar à Rosa, à Maria Pretinha, a Mãitina. (ROSA, 2001, p. 81).

De toda a ficção rosiana, o autor, em entrevista, relata sua predileção por “Campo Geral”: “Eu gosto mais da história ‘Campo Geral’, a primeira novela do livro ‘Corpo de Baile’. Toda vez que releio esta história, enchem-me os olhos de lágrimas. Ela é assim mais forte do que eu, pois comove-me<sup>4</sup>.”. Com essa informação dada pelo autor, e na própria história existir trechos vivenciados por ele, é possível entender a obra com traços autobiográficos.

As credices fazem parte dos costumes do povo do interior, e na vida do interiorano mineiro elas também se fizeram presentes

De sua infância muito se reproduziu. Dela, para incluir no conto seu, traz um costume nosso, de nossa terra, que aprendemos e todas as crianças cordisburguenses, para que o dente de leite arrancado, por outro são fosse substituído. Era crença infantil que ficaríamos banguelas por toda a vida, sem novo dente nascer, se não atirássemos o velho sobre o telhado e não pedíssemos como fez a Chica - *Mourão, Mourão, toma este dente mau, me dá um dente são!* (GUIMARÃES, 2006, p. 115).

Essas são cenas da vida do autor reproduzidas na obra, assim como o prazer que ele encontrava em ficar observando vagalumes, dessa forma retomo a citação: “Ainda outra sua demelhor distração era ficar na calçada vendo os pirilampos entreluzirem no escural da noite, num fechabrir constante de faroizinhos.” (GUIMARÃES, 2006, p. 32). O gosto por apreciar os vagalumes, também ganharam as linhas de “Campo Geral”, na passagem em que Miguilim se fascina “[...] deu tudo vagalume — ‘Olha quanto mija-fogo se desajuntando no ar, bruxolim deles parece festa!’ Inçame. Miguilim se deslumbrava.” (ROSA, 2001, p. 51). E, também, há o vagalume que abrilhanta o parágrafo final de “As margens da alegria”, em relação ao qual Santiago (2017, p. 59) tece comentário: “Na atual sociedade do espetáculo, a luzinha verde, reminiscente da mata, a luzinha viva, intermitente e reservada do vagalume, é a única a perturbar – como observa Giorgio Agamben – a alta voltagem festiva e feérica dos mega refletores que iluminam os grandes espetáculos”, uma vez que o aparecer do vagalume sempre causa alegria. Nessa continuidade, nota-se o quão Guimarães Rosa tinha afeição pelo luminoso inseto.

Depois de adulto, morando distante, e já exercendo o ofício de diplomata, permaneceu mantendo boas relações com a família, envolvendo afeto, união e respeito. Nas cartas enviadas

---

<sup>4</sup> Entrevista feita por Maria da Graça de Faria Coutinho (Colégio Brasileiro de Almeida / 1o. ano Clássico) com João Guimarães Rosa. Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Fortuna crítica”, referência JGR-R08, 11.

aos pais era comum falar sobre seus livros e, também, pedir ao pai anotações sobre situações que aconteciam na cidade.

Também fiquei contente por o senhor ter recebido os livros e estar gostando do “Corpo de Baile”. Como o senhor não deixará de ter notado, ele está cheio de coisas que o senhor me forneceu naquelas cartas e notas extremamente valiosas para mim. Falando nisto, agora estou eu justamente relendo as mesmas, e passando para um caderno, classificadas e em ordem, todas as informações, para serem aproveitadas em futuros livros. (ROSA, 1999, p. 215).

Dessa forma é possível ver Rosa como um colecionador de histórias, que captava os detalhes para incluir em suas obras, “O que utilizo são as indicações sobre tipos, costumes, descrições de lugares, cenas; vestimentas, métodos de trabalho, palavras, termos e expressões curiosas ou originais, etc. etc.” (ROSA, 1999, p. 2015). Esse trabalho minucioso do autor é o que dá primor aos seus livros, visto que os detalhes levam o leitor a aprofundar-se no mundo do sertão rosiano.

Guimarães Rosa, como um leitor voraz, desde criança apreciava a leitura de livros clássicos. Em “Joãozinho”, Vicente Guimarães relata uma cena da vida do autor em que ele estava em uma biblioteca e um frequentador do ambiente se revoltou ao ver que Rosa estava comendo e folheando um livro, “Não tenha receio, tranquilizou-o o funcionário, ele é assíduo frequentador da biblioteca e, aos domingos, sempre passa a tarde toda aqui, onde faz o lanche, lendo sem perda de um minuto. Dê um pulo, despercebido, até lá e, cauteloso, veja e anote o que ele está lendo.” (GUIMARÃES, 2006, p. 51). Foi então, nesse momento, que o homem ficou admirado, pois segundo Guimarães (2006, p. 51) “Joãozinho, menino de nove anos, lia um clássico francês”.

Com essa apreciação por clássicos da literatura universal, foi um leitor da *Divina Comédia*, de Dante, *Dom Quixote*, de Cervantes, *Macbeth*, de Shakespeare e, entre tantos outros, também se admirava pelos contos de Hans Christian Andersen<sup>5</sup>, fato relatado por ele em entrevista. Os contos de Andersen fazem parte do universo mágico, e ser um admirador desse autor do mundo dos contos de fadas certamente influenciou as obras do autor mineiro.

Em seu livro *Ave, Palavra* (1970), publicado postumamente, há um conto chamado “Fita Verde no Cabelo- Nova Velha Estória”, trata-se de uma releitura de “*Chapeuzinho Vermelho*” de Charles Perrault. No conto, Rosa apresenta ao leitor uma menina que usava uma fita verde no cabelo e que por ordem da mãe atravessou o bosque para ir até a casa da avó levar uma cesta com um pote de doce em calda. Ao chegar, adentra a casa e se depara com a avó deitada, já se despedindo da vida. Nesse conto Guimarães Rosa trabalha o medo, a morte, e o

---

<sup>5</sup> Entrevista feita por Maria da Graça de Faria Coutinho (Colégio Brasileiro de Almeida / 1o. ano Clássico) com João Guimarães Rosa. Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Fortuna crítica”, referência JGR-R08, 11.

amadurecimento. Amadurecimento esse que se interpreta através da fita verde no cabelo da menina, já que no início da narrativa ela é colocada como uma pessoa sem discernimento:

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam. **Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha**, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo. (ROSA, 2009, p. 98, grifos meus).

Pode-se interpretar que Fita-Verde ao enfrentar sozinha os riscos em atravessar o bosque e presenciar o infortúnio da morte da avó, tenha se tornado uma outra menina. Que as situações vividas por ela transformaram a sua vida e possibilitaram que ela amadurecesse, uma vez que a simbologia da cor verde também pode significar imaturidade. Nesse sentido, a fita verde a qual enfeitava o cabelo da menina foi perdida no caminho para a casa da avó, cena que Rosa pode ter trabalhado exatamente para dar essa possibilidade interpretativa ao leitor.

Dessa forma, nas linhas finais do conto, o autor escreve: “Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez.” (ROSA, 2009, p. 99). Assim, pode-se perceber, mais uma vez, Rosa abordando o amadurecimento decorrente das vivências.

Em uma passagem de Grande Sertão: Veredas, Rosa, nas palavras do ex jagunço Riobaldo, diz: “Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice. Boa, foi.” (ROSA, 2019, p. 37). A infância de Guimarães Rosa e as recordações que ele manteve guardadas na memória, permanecerão para sempre revividas no folhear das obras. O mineiro viveu uma infância pacata, sempre com um livro nas mãos, procurando com curiosidade algo novo para aprender, pois tudo cooperava para a fruição da sua imaginação fértil e, na idade adulta, ao escrever, fez cenas da sua vida se eternizarem

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dedicação em produzir este trabalho, somada à sempre nova experiência de leitura das obras de João Guimarães Rosa, fez ampliar a bagagem de estudos literários desenvolvidos ao longo da graduação. O objetivo pretendido durante a trajetória de desenvolvimento e de escrita desta pesquisa foi de fazer apontamentos acerca do olhar infantil para as primeiras descobertas da vida e observar a relação das personagens com a natureza, já que as vivências de Rosa e o contato dele com a fauna e flora inspiraram trechos das obras aqui analisadas. Dessa forma, sabendo que a fantasia é intrínseca ao mundo infantil e que as crianças têm pureza no olhar, Guimarães Rosa apresenta os encantamentos e desencantamentos vividos por Miguilim e pelo Menino, ambos possuidores de olhares simplórios.

Conforme foi possível descrever no decurso deste trabalho, a natureza na ficção rosiana não se desvencilha das personagens, uma vez que Rosa, com seu conhecimento acerca da biodiversidade, a coloca em evidência de modo poético conversando com as personagens, seja para encantar e reafirmar a beleza, como foi para Miguilim ao colocar os óculos e ver como a paisagem do Mutum era bonita, ou para o Menino viajante de pensamentozinhos em formação, que passou a perceber a efemeridade das coisas da vida.

Por essa razão, pensando na atuação docente, é relevante que na licenciatura os professores reflitam a práxis pedagógica. Nessa condição, a partir dos textos de Rosa, é possível fazer uma reflexão que se atente a um novo olhar, uma vez que a leitura rosiana pode ser vista como uma experiência de aprendizagem, é o “Mire e veja” que o autor convida o leitor a explorar, a perceber o que o rodeia, assim podendo enriquecer interiormente e ressignificar, pois na docência o aprendizado é contínuo e o (re)novo deve ser sempre excogitado.

Por fim, como desfecho dessas reflexões, percebe-se a relevância da visão nas obras de João Guimarães Rosa. É o olhar aprendiz que se atenta a notar a poesia, e assim renovar-se preparado para fazer uma travessia visual, pois só com os olhos aprendizes é que se consegue estar aberto a contemplar a renovação, e assim perceber a alegria ressurgir, como o reluzir do vagalume passando para movimentar o curso da vida.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares.** Publicado *in* Presença pedagógica, Belo Horizonte. Volume 14. 1-10. Jan/Fev, 2001.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa.** São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** [Tradução Marcus Vinicius Mazzari]. São Paulo: Duas Cidades. 34° ed, 2002.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Paz e terra, 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, Diana; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

Entrevista feita por Maria da Graça de Faria Coutinho (Colégio Brasileiro de Almeida / 1o. ano Clássico) com João Guimarães Rosa. Fundo João Guimarães Rosa, IEB, série Literatura, subsérie “Fortuna crítica”, referência JGR-R08,11.

GUIMARÃES, Vicente. **Joãozito – A infância de João Guimarães Rosa.** – 2° ed. São Paulo: Panda Books, 2006.

LEITE, Ascendino. **Arte e céu, países de primeira necessidade...** O Jornal, Rio de Janeiro, 26 maio 1946.

MEYER, Mônica Ângela de Azevedo. **Ser-tão natureza: a natureza de Guimarães Rosa.** Campinas, SP: [s.n]. 1998.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas – “O diabo na rua, no meio do redemoinho...”** – 22° ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: Ave Palavra**. Rio de Janeiro, 6º ed. Nova Fronteira, 2009.

ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: Primeiras Estórias**. 15º ed. Nova Fronteira, 2008.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. 11º ed. Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Vilma Guimarães. **Relembraimentos: João Guimarães Rosa, meu pai**. 2º Ed. Rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ROSA, João Guimarães. **Tutameia (Terceiras Estórias)**. Rio de Janeiro. 9º ed. Nova Fronteira, 2009.

SAINT-EXUPÉRY, Antonie. **O Pequeno Príncipe**. [Tradução de Rafael Arrais]. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

SANTIAGO, Silviano. **Uma revoada de vagalumes**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 32, 2017.